

Diversão & Arte

» RICARDO DAEHN

DOIS FILMES QUE DESPONTAM COMO FORTES CANDIDATOS A PREMIAÇÕES INTERNACIONAIS, *O BECO DO PESADELO* E *SPENCER*, ALAVANCAM AS ESTREIAS DE CINEMA NA CIDADE

Searlight Pictures/Divulgação



O beco do pesadelo: o ator Bradley Cooper praticamente não sai de cena

De sonhos e PESADELOS

Um filme repleto de tiros, sangue e violência visual. Descrito desta forma, o novo longa-metragem assinado pelo cinéfilo (e diretor consagrado) Guillermo del Toro, perderia muito do âmago da popularidade. Refilmagem de um clássico de Edmund Goulding (cineasta vencedor do Oscar de melhor Grande Hotel, em 1932), *O beco do pesadelo* ajusta a trama de filme noir de 1947, com Joan Blondell. Envolvente, o enredo deriva de um romance escrito por William Lindsay Gresham. Vale a lembrança de que Guillermo del Toro foi o responsável por *A forma da água* (melhor filme e melhor direção, no Oscar de 2017).

Gênero popular, nos anos de 1930, para o público de Hollywood, o noir costuma se render às imagens em preto e branco. Mas, em *O beco do pesadelo*, a direção de fotografia extremamente colorida é cortesia do dinamarquês Dan Laustsen. Consagrado pelos temas de limitações financeiras e estrelado por personagens minados por ingenuidade, o noir embebeza a nova produção de del Toro. Antes de chegar ao coração de Nova York, o protagonista Stanton Carlisle (Bradley Cooper) abraça um dos clichês do noir outrora estrelados por Robert Mitchum e Humphrey Bogart: vaga por terrenos baldios, até pegar carona num rabo de cometa, quando passa a integrar a trupe de circo itinerante.

“Ciência e conhecimento”, pelo que dita o administrador do circo Clem (Willem Dafoe), são as chaves para este novo mundo. Entre desfiles por espelhos disformes e a convivência com tipos como o homem cobra (que exibe uma flexibilidade assustadora) e um chamado selvagem (entre o humano e o bestial), Stanton abusará do carisma, chegando a invadir o dia a dia da jogadora de tarô Zeena (Toni Collette) e do fracassado mentalista Pete (David Strathairn).

“Pessoas querem ser notadas”, arisca um dos personagens que detecta brechas para toda a sorte de trambiques serem instalados no cenário do circo. A elaboração do cenário (do filme) grita perfeição, com a direção de arte a cargo de Brandt Gordon, enquanto os figurinos do canadense Luis

Sequeira, igualmente, sobressaem. Entre seres “impróprios à sobrevivência” (as atrações do circo), como demarcado por Clem, Stanton passa de empregado braçal e rústico à condição de estúdio da linguagem de trapaça, na intenção de promover “um estrago” em Nova York, sede para os futuros golpes ao lado da moça perita no

manejo da eletricidade, Molly (personagem de Rooney Mara).

Uma série de pecados soterra a existência de Stanton que, apostando em códigos e oportunismo, caminha para o clássico tabuleiro armado nos filmes noir: muitas situações derivam de jogo de azar ou sorte impulsionados por fraudes e muito domínio de lábia (qualidade

ressaltada no roteiro do longa, assinado por Kim Morgan e o próprio del Toro).

Entre tantos trambiques e reviravoltas, o filme ambientado nos anos de 1940 não decepciona no quesito femme fatale — no passado, a carga de personalidades misteriosas como Lana Turner. Lilit Ritter (Cate Blanchett, destacada em premiação do Sindicato dos Atores)

desponta como uma doutora, não só na frieza, mas ainda em psiquiatria. Dotada de uma pistola com punho de marfim, Lilit tem tudo para conferir fatalidade ao desfecho da trama em que malas se estufam, apinhadas de dólares. Quem completa o glorioso elenco do longa é a dupla de veteranos Mary Steenburgen e Richard Jenkins.

CRÍTICA / SPENCER ★★★★★

TORMENTO REAL

Realeza e realidade entram em franco desacordo no filme *Spencer*, centrado na popular figura da princesa Diana, morta em 1997. Dez anos depois de estrear o fantasioso *Branca de Neve e o caçador*, a atriz Kristen Stewart protagoniza o novo filme conduzido pelo chileno Pablo Larraín, que versa sobre a desgraça de uma mulher de espírito independente se ver fêem das defêrencias e tradições esmagadoras da ala conservadora da monarquia britânica.

Rainha (Stella Gonet) e o príncipe Charles (Jack Farthing), de quem Di

pretende se livrar, estão em cena — mas como vultos. Entre banquetes sequenciados comandados por Darren (Sean Harris) e a opressão de ter cada passo (e até as vestimentas) supervisionado, a princesa agoniza, tendo por espelho Ana Bolena, ultrajada personagem do reinado de Henrique VIII e descrita num livro que Di lê.

Sem cercar uma história oficial, Larraín aposta numa visão muito particular, sem verve documental, flana nas impressões dele sobre período natalino experimentado pela princesa de Gales pelos membros da Coroa na casa de campo em Sandringham (Norfolk). Carente e emudecida, cabe a Di sussurrar, introspectiva, trechos da tragédia assumidamente vertida em fábula, no roteiro de

Steven Knight (*Coisas belas e sujas e Senhores do crime*).

Apresentado no Festival de Veneza, *Spencer* se vale de uma interpretação estritamente pessoal (do ponto de vista de Stewart) da magia do corpo de 24 profissionais do departamento de maquiagem da fita e da câmera inquieta de Claire Mathon (*Retrato de uma jovem em chamas*).

Em frangalhos, Diana tenta, com desespero, se conectar aos filhos William e Harry, tendo por fiel confidente a servicial Maggie (Sally Hawkins). Artista que remodelou a visão do público para Jacqueline Kennedy (com o longa *Jackie*), Pablo Larraín assume devaneios e riscos de um filme feito sobre o filtro contemporâneo da urgência feminista.



Diamond Films/Divulgação

Spencer: recorte dramático na figura de Lady Di

» OUTRAS ESTREIAS

Jorge Silvestre/Divulgação



FORTALEZA HOTEL

De Armando Praça. Com Clébia Sousa e Lee Young-Lan. Uma rede de solidariedade se espalha, quando uma camareira confidencia problemas a uma hóspede sul-coreana.

Paris Filmes/Divulgação



BELLE

De Mamoru Hosada. Anime mostra os efeitos de um aplicativo de transporte para um mundo virtual, no qual a jovem Suzu se afunda. Numa jornada que compreende autodescoberta, ela se vê popular na pele da cantora Belle.

A2 Filmes/Divulgação

PASSAGEM SECRETA

De Rodrigo Grotta. Com Fernando Alves Pinto, Arrigo Barnabé e Luiza Quinteiro. Identidade de uma jovem é posta em xeque, quando se muda para cidade interiorana e passa a conviver com novo ciclo de amigos.



SUMMER OF SOUL (OU, QUANDO A REVOLUÇÃO NÃO PODE SER TELEVISIONADA)

De Ahmir “Questlove” Thompson. Com Stevie Wonder e Nina Simone. Documentário pré-selecionado para o Oscar apresenta um grandioso festival de música nova-iorquina que congrega elementos da raiz da história de afro-americanos pelos EUA.

16 Não recomendado para menores de 16 anos

BYE BYE BANGU
UMA COMÉDIA COM SUZY BRASIL
29 DE JANEIRO 21H - TEATRO ROYAL TULIP
ANTECIPADOS: WWW.BILHETERIADIGITAL.COM

Apoio Cultural: NOVITTA Rent a Car Apoio Gastronômico: Sante 413 norte

» OUTRAS ESTREIAS

Jorge Silvestre/Divulgação

Paris Filmes/Divulgação

A2 Filmes/Divulgação